

Experiências de PRIMEIRO ANÚNCIO

Apresento aqui umas experiências acerca do "Primeiro anúncio". Digo "umas" porque não há nada de fixo, a não ser algumas atenções que derivaram de princípios e de experiências.

Já em 1987 apresentei no Sector de Oio a minha experiência neste assunto, descrevendo atenções, momentos, etapas e percursos até em pormenor

Dei mais passos para frente e penso que algo daquele texto precedente está agora ultrapassado, nem que o quadro geral permaneça o mesmo, assim como permanece a atenção a que, desde o primeiro anúncio, as pessoas se encontrem com a tradução viva da Mensagem, quer dizer com a comunidade, com a Igreja em que encontram a Cristo.

Parto do pressuposto que o primeiro anúncio não é feito só de palavras, mas que sua formulação faz parte de todo um complexo de realidades:

- a primeira é que o Espírito trabalha nas pessoas, nas famílias e nos grupos e os conduz a Cristo (Red. Mis. 25-28), o que, na acção pastoral, toca-se mesmo com as mãos.

- a segunda é que se deve insistir para que o destinatário (pessoa, família ou grupo) reze, reze como sabe e pode, sem esperar aprender primeiro as orações do cristão; reze cotidianamente; se é um grupo, reúna-se a rezar pelo menos uma vez por semana, sem esperar que venha alguém de fora que lhes faça isso (catequista, irmã ou padre). O caminho de Jesus transcende as forças puramente humanas: sem oração não se consegue dar nem um passo a frente, nem como pessoa nem como comunidade.

- a terceira é que quem faz o Primeiro Anúncio não é só o missionário, o padre ou a irmã, evangelizador e profeta com exclusão de outros, mas sim é a comunidade, tanto quanto se consegue dar-lhe consistência e capacidade de "significar" o que ela é, de ser "sinal". Para isso não se deve ignorar o trabalho feito precedentemente por outros, deve-se tentar recuperar tudo o que é possível recuperar; como também deve-se pôr a comunidade, ou pelo menos sua parte mais sensível, "em estado de missão", doutra forma ficaria atrofiada.

- a quarta é que, onde seja possível, se convide o "destinatário" a se referir a tal comunidade, na qual aos poucos individualizará o seu "garante", aquele que o introduzirá no "pré-catecumenato" e o acompanhará na caminhada da iniciação cristã; não interessa se tal comunidade vive noutra tabanca: o importante é que haja uma comunidade a que fazer referência.

- a quinta realidade é de ordem metodológica: qualquer que seja a razão que trouxe a pessoa, a família ou o grupo a se relacionar conosco, a devemos acolher sem julgar, reservando-nos para depois o trabalho de ajudar a purificar e aprofundar as motivações, mas isto só depois: Deus é bom pescador que sabe usar a isca mais apropriada para cada tipo de peixe.

- a sexta é o cuidado que devemos ter em levar o destinatário do anúncio a "ler" o itinerário que percorreu para descobrir que não foi tanto ele que escolheu o caminho, mas sim que foi Deus que o chamou e o conduziu: nada então o poderá mandar parar, desde que se encoste a Deus; mas quando chegarmos aqui, já estaremos em vésperas de pré-catecumenato.

- a sétima, também metodológica é que não existe um "primeiro anúncio" já formulado, mas sim pessoas, cada uma com um percurso diferente, às quais se deve anunciar a "Boa Nova" de Jesus, Cristo, Filho de Deus, para que nele encontrem a vida.

E vamos agora ao Primeiro Anúncio assim como o estou formulando desde alguns anos, sucessivamente a quanto apontado ainda em 1987.

O primeiro passo, em via normal, è o seguinte. Vêm pedir-nos, normalmente, o "Caminho de Deus", ou mais simplesmente "o teu caminho", a "Via" (cfr. Act.9,2; 19, 9.23). Às vezes no-lo pedem como algo de absolutamente desconhecido a eles, algo que é dos brancos, de que nem vestígio existe entre eles.

Então eu convido o interlocutor a formular as questões principais, das mais simples às mais profundas, que se apresentam a todo homem diante das dificuldades com que depara na sua vida: os

"porquês" fundamentais. Juntamente convido a formular as respostas que já encontrou em sua bagagem religioso-cultural que herdou de seus pais, que também têm um caminho, um caminho de Deus, no qual buscam a Deus.

Sempre as coisas chegam a um beco sem saída. Quer dizer, as respostas vêm, mas em pessoas em "crise", quer dizer que estão procurando algo, como são aquelas que vêm ter conosco desta forma, apresentam-se em toda a sua fragilidade e insuficiência.

Antes de mais nada convido a apreciar o que de positivo há naquelas respostas, na bagagem cultural que fez com que seu povo sobrevivesse até agora e com uma identidade própria. Ajudo depois a fazer ressaltar quanto tais respostas são provisórias e precárias.

Este tipo de trabalho leva um certo tempo e toma diversos encontros, consoante os interlocutores. (Digo já que não é um trabalho reservado ao padre, mas que cristãos preparados podem também fazer, até com mais resultado, porque falam na sua experiência).

Normalmente, neste tipo de análise, eu limito-me a apreciações gerais, por exemplo o caso de doentes não curáveis que eram eliminados, dos gémeos de que um era suprimido, da introdução de novos tipos de cultivações que modificaram os padrões de vida de seu povo, do conformismo e do nivelamento de todo o povo, que mata qualquer possibilidade de iniciativas, etc. etc.; tento fazer notar as evoluções positivas, as respostas e as escolhas actuais diferentes das de seus pais, mas em linha com elas na maioria dos casos, consoante a escala de valores que herdaram.

Passando a tratar dos porquês mais profundos, chega-se à morte e aos vários interrogatórios do defunto (jongagu) presentes em suas culturas. E aqui é que se chega às perguntas cujas respostas se revelam claramente insuficientes: de onde vem a vida? Para onde estamos andando? O que é que ameaça a nossa vida? Como é que nos podemos defender? O medo, a "janfa", os amuletos....

A imagem que mais recorre é que chegamos como que na margem de um grande rio e as respostas verdadeiras estão do outro lado, na outra margem; é na outra margem que Deus fica, Deus chamado com vários nomes, mas que ninguém conhece na verdade. É o desconhecido (*Emit ai*), o Senhor do céu (*At'emit, Nasieñ Batsi*) e assim por diante, mas não sabemos dizer muita coisa d'Ele, nem a Ele conseguimos chegar: mandamos alguém ter com Ele, por exemplo um "*Irã*" (formulação genérica demais), mas não sabemos ao certo se ele vai lá chegar.

A este ponto, se o julgar oportuno, lembro algo do que vem em Rom.7, que fala magistralmente da precariedade e da impotência do homem.

O ponto a que se chega é que todos os caminhos, que os homens procuraram e encontraram para ir à procura de Deus, são bons, têm muita coisa positiva, têm muitas sementes de verdade (não é por nada que iremos dizer que Deus criou o homem parecido com Ele...), porém nos levam até a margem do tal rio e mais nada, não há nada que nos leve para a outra margem.

Consoante as circunstâncias, às vezes falo também de João Baptista, no contexto da pesquisa feita pelo Povo Hebreu, por enquanto tratado como qualquer outro povo.

A este ponto aparece Mc.1,14b-15: nesta nossa margem do rio apareceu alguém que disse: "Agora é o momento: encontramos o que procurávamos. Deixem ficar o resto que até agora vos fez chegar só até esta margem e não procurem mais noutros lugares. Eu digo-vos que Deus veio dar-nos as respostas". Trago exemplos do tipo de respostas, assim como no-las traz Mc.1,16-20 e falo de Jesus na sinagoga de Cafarnaum: fala com autoridade, quer dizer que dá respostas diferentes das que os outros costumavam dar, diz as coisas com conhecimento de causa, explica-nos a vida como se ele é que lhe deu princípio....

Por exemplo o que?

Passo a Mt.5, às famosas antíteses que antíteses não são, mas sim cumprimentos em plenitude de algo que era ainda resposta parcial e provisória: "Ouvistes que foi dito... mas eu digo-vos...".

Quais passagens privilegio? A coisa varia consoante os grupos.

Por exemplo Mt.5,38-39 que é uma das mais imediatas. Uma primeira regulamentação, depois do paradoxo de Lamech (Gen.4,23-24) é: limita-te a pagar segundo a medida da ofensa. Jesus porém diz..... O mesmo a respeito do matrimónio, Mt. 5,31: Moisés tentara limitar os abusos, Jesus resolve radicalmente. Mc. 7, 8-13, a palavra do "korbán" e o mandamento de Deus.

Naturalmente as referências ao AT são vistas ainda como respostas parciais dadas pelos antepassados de Jesus. Mais adiante formular-se-á o que irão descobrindo aos poucos, a saber que a experiência daquele povo é única e exemplar: única porque historicamente é o povo que Deus escolheu, exemplar porque nela emerge e como que se coaduna o que Deus espalhou também noutros povos (Cfr. Red. Mis. 28-29)

Aos poucos introduzo uns gestos de Jesus que os que os viram com seus olhos nos legaram, gestos que são sinal do facto que Deus veio dar-nos as respostas que procurávamos.

Assim ainda falo em Cafarnaum (Mc.1, 21-34) e noutras passagens parecidas, sem deixar Mc.1,35-38: Jesus não pensa exactamente como nós pelo facto que ele sabe de onde vem e para onde vai; não tem medo, não tem que se defender, é um homem livre, que respeita o que é bom, mas vai além de receios e "tabú". Em Mc. 1,40-45: toca no leproso, infringindo um "tabú". De qualquer forma manda o doente curado para que se apresente às autoridades de forma a ser reintegrado no povo com todos os seus direitos, conforme usos e tradições.

A realização deste tipo de anúncio de Jesus pode levar mais ou menos tempo e ser mais ou menos desenvolvida conforme os grupos de ouvintes. Aquilo porém que quero alcançar é chegar às "formulações" feitas pelos primeiros grupos que entraram nesta "Via" e refiro-me a Colossenses, onde determinados conceitos se apresentam como menos estranhos do que parecem, uma vez que se consiga re-exprimí-los em linguagem acessível.

Por exemplo Col. 2,6-18 em relação a 1,16-23. Em síntese: tudo o que o homem procura para viver, para ter VIDA, Deus o colocou em Jesus e desta forma é que lho deu. Fora de Jesus não há mais nada, então não procures mais nada fora d'Ele. Procuravas com candeeiro e este fazia-te jeito: agora surgiu sol e não faz mais sentido procurar à luz do candeeiro.

A seguir, o insistir sobre o que diz Ef. 3,5-12 acerca do mistério escondido até agora e revelado no contexto da Igreja, levou mais do que uma vez alguém dos vários grupos a perguntar: "Mas então, agora devemos deixar por trás os irãs e tudo o que lhes diz respeito para seguir este Jesus?"

Diante destas reacções primo-primas sempre limitei-me a responder: "Não sou eu, Fulano qualquer, que vos digo que façais isto: a palavra que estais escutando vo-lo diz; vão perguntar isto aos cristãos que vos acompanham e eles vos explicarão; a este ponto vocês é que irão decidir e irão ver que a vossa decisão irá mesmo neste sentido; a própria Igreja pedir-vos-á que o façais e Deus vos dará a força de o fazer". Nisto faço referência a Fil. 3, 4-13 e Act 19, 18-20.

E o facto da ressurreição? Não faz parte também do Kérigma? Como é que lá chegamos?

Não a descrevo, visto que nem os evangelistas o fazem. Simplesmente faço ressaltar a transformação que ela causou nos discípulos.

Explico-me. Antes de mais nada a morte de Jesus. Os grandes do povo ficaram zangados com Jesus porque ele ia contra os usos e as tradições: claro, as respostas que ele trazia eram claras e eram as definitivas.(O que comportava, para eles, também perdas económicas..., mas não insisto muito naquilo). Fizeram todos os possíveis para o perderem e conseguiram. Queixaram-no aos Romanos e o fizeram crucificar. E os seus amigos? Ele já lhos dissera e eles não quiseram compreender. Até um deles, Pedro, revoltara-se contra ele, porque, na sua maneira de entender, Jesus ia contra suas tradições (Mc. 8,31-33). Chegado o momento foi mesmo ele, Pedro, que o renegou (Mc.14, 66-72), e os outros fugiram.

Mais um pulo para diante (Act.4, 5-13) e encontramos de novo Pedro e João diante dos mesmos homens grandes que julgaram e condenaram Jesus. Falam claramente, sem medo. O que é que lhes aconteceu?

Lc. 24, 13-49: eis o que explica sua transformação. E continuaram anunciando a mesma coisa, nem que os homens grandes de Jerusalém tenham tentado enganar o povo mais uma vez, depois de terem posto guardas ao sepulcro de Jesus! (Mt. 11b-20).

Os amigos de Jesus continuaram a anunciar aquilo que viram e tocaram (1Jo.1,1-4 passim). E tinham consciência clara de que os verdadeiros Israelitas eram eles, eles que seguiram a Jesus, não os outros que ficaram pegados a suas tradições e não quiseram reconhecer em Jesus o homem que nos falou de Deus, em nome de Deus, que nos deu as respostas boas, as definitivas. Os amigos de Jesus, os seus discípulos, reconheceram nele o Filho de Deus que finalmente nos disse a verdade, toda a verdade. (Cfr. Heb. 1,1-2).

A este ponto vai o convite a seguir a Jesus através da comunidade cristã (preparação ao pré-catecumenato com inscrição do nome e do garante), aprendendo a conhecê-lo e a caminhar como ele nos ensina. Geralmente sigo o evangelho de Marcos, com integrações de Mateus e umas passagens próprias de Lucas sobre a misericórdia; mas sempre cuido de proceder em paralelo com a vida que eles vivem e com as "respostas" que se devem encontrar. É normal também a referência às "Cartas" do NT, onde as dificuldades que aparecem no novo caminho são vistas e resolvidas na luz de Cristo.

NB. 1- Quando se apresenta a ocasião sublinho também a credibilidade das fontes, falando um pouco da formação dos Evangelhos e dos outros documentos, de maneira particular onde há uma certa porcentagem de escolarizados (às vezes faço isso já no princípio, quando começo a falar no evangelho de Marcos). Em certos casos refiro-me também a documentos precedentes, do AT: o povo dos Hebreos era acostumado a recolher e conservar tais documentos. Se já foi feita uma certa caminhada, introduzo o argumento da "inspiração" com palavras simples.

2- Depois de se terem familiarizado um bocado com os nomes que mais recorrem no AT (Frequentam a Missa, ouvem outras explicações, faz-se referência a figuras do AT como modelos de fé ou de escuta de Deus...), já no pré-catecumenato avançado, entro a tratar mais sistematicamente da História da Salvação, sempre por esquemas e grandes linhas, utilizando "grelhas de leitura" para simplificar. O conhecer certos factos, nem que de forma episódica, dá a possibilidade de "fixar" o material sobre o qual se irá reflectir para se dar conta da caminhada que Deus mandou fazer ao Povo de Israel; o que se faz mais por "temas bíblicos" do que contando factos em sequência cronológica. Mas, a este ponto, já estamos muito além do "primeiro anúncio"...

Pe. Giuseppe Fumagalli

Suzana 14 de março de 1998